

AUROUX, S. A REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DA GRAMATIZAÇÃO. CAMPINAS: UNICAMP, 1992.

Mônica Oliveira Santos
Universidade Paulista (UNIP)
monica.os@uol.com.br

O filósofo da linguagem, Sylvain Auroux, reflete sobre o nascimento das ciências da linguagem e sobre o processo tecnológico da gramatização. Ele defende que esse processo mudou os rumos da comunicação humana e deu ao Ocidente um instrumento de conhecimento e dominação sobre as outras culturas. Auroux chama tal processo de “revolução tecnológica da gramatização”, nome, inclusive, dado ao seu livro que traz essas reflexões.

Em sua obra, *A Revolução Tecnológica da Gramatização* (1992), Sylvain Auroux chama a atenção para os mitos difundidos pela historiografia das ciências da linguagem, expandidos no século XIX sob o signo hegemônico do comparativismo e, entre estes, o autor julga que um dos mais prejudiciais tem sido o da cientificidade. Conforme o autor, os estudos referentes à linguagem adquiriram o estatuto científico no século XIX com a gramática comparada moderna. Os comparativistas entendiam que a “ciência” da linguagem correspondia ao programa da gramática histórica e comparada que se prestava à descrição da evolução das línguas. Só recentemente é que filósofos e historiadores desenvolveram estudos sobre o desenvolvimento das ciências da linguagem a partir de uma ótica diferente da que vinha sendo parâmetro.

Em seu trabalho, o autor aponta para as circunstâncias em que nasceram as disciplinas consagradas à linguagem, bem como seu impacto no desenvolvimento cultural humano e para a gramatização, que foi seu grande movimento. Sua

reflexão sustenta duas teses de interesse filosófico: a primeira, à qual o autor dedica o primeiro capítulo, diz respeito ao nascimento das ciências da linguagem – reflexões sobre a linguagem humana; e a segunda, objeto central do segundo e do terceiro capítulos, refere-se ao fenômeno da gramatização, que revolucionou a tecnologia da comunicação humana e ofereceu ao Ocidente uma forma de conhecimento/dominação em relação às outras culturas.

Sobre o nascimento das metalinguagens, o autor remonta um panorama histórico sobre os conhecimentos linguísticos, que, a partir do século XIX desenvolveram-se institucionalmente, mantendo, em sua maioria, o preconceito de fazer a história da linguística ser concebida como ciência. Ele também explica que nos últimos vinte anos esse conceito evoluiu e que a linguística como forma de saber e prática teórica tornou-se uma forma de estruturação transitória que está desaparecendo e dando lugar às ciências da linguagem. Nesse sentido, o autor procura responder a duas questões: “Sob que formas se constitui, no tempo, o saber linguístico?” e “Como essas formas se criam, evoluem, se transformam ou desaparecem?” (AUROUX, 1992, p. 13).

Auroux afirma enfaticamente que o saber linguístico é múltiplo e que este é epilinguístico (atividade condizente com a reflexão sobre a língua em contexto de uso) antes de ser metalinguístico (utilização do código para falar dele mesmo), considerando-se de muita importância um *continuum* entre esses dois saberes. Tal *conti-*

nuum pode ser comparado à continuidade entre percepção e representação física das ciências da natureza. O autor aponta quatro tipos de saberes metalinguísticos que dizem respeito:

- à natureza especulativa;
- à natureza prática;
- à constituição de técnicas;
- às competências específicas.

Ele diz que o esforço em deslocar o saber linguístico para o saber especulativo é o que, em geral, põe em discussão a cientificidade deste ou daquele saber linguístico.

Nesse sentido, o limiar da escrita é fundamental para a história das representações linguísticas e é marcado pela passagem do epilinguístico ao metalinguístico. A tradição do saber linguístico tem na produção de textos literários um ponto de partida, e o que faz progredir a reflexão linguística é a alteridade (o interesse em compreender e descrever as outras línguas). O autor se opõe à tese de historiadores, linguistas e filósofos que habitualmente defendem o aparecimento das ciências da linguagem como uma das causas do nascimento da escrita. Ele acredita que, ao contrário, a escrita é que é um dos fatores necessários ao aparecimento das ciências da linguagem e cita vários exemplos de civilizações orais sem escrita que possuíam técnicas e regras de estética e de classificação linguística, mas que não tinham uma doutrina elaborada nas artes da linguagem. Conforme o autor, a análise gramatical nasce em razão da compreensão de textos, e não da necessidade de se falar uma língua qualquer. Ele postula que atualmente a gramática se configura como uma técnica escolar para crianças que mal dominam sua língua falada (ou uma língua estrangeira) e que esse caráter vem de uma tradição escrita de guiar e corrigir a língua falada, o que redobra o papel da escrita no desenvolvimento dos saberes linguísticos.

Para tratar do fato da gramatização, o autor traz um apanhado geral do desenvolvimento das concepções linguísticas europeias que compreende o período do século V até o século XIX. Nesse período, vê-se o desenrolar de duas revoluções tecnolinguísticas de fundamental importância para a organização das sociedades, no tocante a criar uma rede de comunicação homogênea e dominante centrada inicialmente na Europa. Aos olhos do autor, tal revolução para a história humana é tão importante e fundamental quanto foram a Revolução Agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial do século XIX.

Conforme o autor, **a primeira revolução científica** do mundo consolidou-se com o aparecimento das ciências da linguagem. As ciências da natureza modificaram a concepção de ciência, e o modelo dominante incluiu as ciências humanas. Mas, sem **a segunda revolução tecnolinguista** isso não seria possível. Essa segunda revolução, cujo eixo é o Renascimento, diz respeito a uma gramatização massiva das línguas do mundo, a partir da tradição linguística greco-latina. As consequências dessas revoluções resultaram em algumas transformações: o nascimento e o desenvolvimento da gramática especulativa medieval e da gramática geral clássica, o interesse da gramática deslocando-se da filologia para o domínio das línguas maternas, a gramática como uma técnica pedagógica de aprendizagem e descrição das línguas, a marginalização da etimologia linguística, que é excluída das ciências humanas, o aparecimento do dicionário monolíngue e o domínio das línguas neolatinas na Europa.

Não há uma reflexão aprofundada sobre o porquê de a gramatização massiva das línguas ter acontecido a partir da Europa e de isso ter vindo à tona tão tardiamente (século XIX). Outras civilizações teriam tido seu desenvolvimento linguístico-intercultural muito antes (Índia, China, Arábia etc.) e não exerceram o domínio linguístico que teve a Europa. Elas possuíam uma tradição de análise gramatical forte e autônoma, mas não se interessaram muito pela

descrição de outras culturas e outras línguas, o que impossibilitou a constituição de uma rede técnico-linguística semelhante à que fez nascer o Renascimento Ocidental (AUROUX, 1992, p. 41). Entre os séculos VII e IX, assistiu-se a um fenômeno de dispersão e fragmentação do latim e de insistência por uma unificação deste, que se configurou mais tarde como a segunda língua na Europa. Essa homogeneidade conceitual pode ser considerada como sua identidade de metalinguagem. **A gramática latina passa a ser parâmetro** e espelho aplicável ao estudo de qualquer outra língua.

Auroux explica que durante toda a Idade Média manteve-se o equilíbrio entre: um latim abstrato e teórico, uma língua conceitualmente sofisticada do saber letrado e os vernáculos vulgares; e que a Igreja assegurou por muito tempo a imponência do latim, mas este perdia importância à medida que algumas atividades sociais e religiosas (o protestantismo) ganhavam espaço e reclamavam o acesso aos textos e às técnicas intelectuais, minimizando o papel de intermediários letrados. Isso ocasionou a entrada dos vernáculos que contextualiza historicamente três elementos: a renovação da gramática latina, a imprensa e as grandes descobertas no mundo.

Quando aborda o conceito de gramatização, Auroux concebe a gramatização como “processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias: a gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p. 65). Uma gramática constaria, basicamente, de uma categorização das unidades, exemplos e regras para construir enunciados, de maneira que os paradigmas completos só passariam a aparecer nas gramáticas dos vernáculos europeus. Eles são, a

rigor, um conjunto de regras que podem por si assumirem a função de gramática. Conforme o autor, as gramáticas teriam um conteúdo relativamente estável: ortografia/fonética, partes do discurso, morfologia, sintaxe e figuras de construção (AUROUX, 1992, p. 67).

Todos os gramáticos precoces se mantiveram na noção de regra (AUROUX, 1992, p. 68). Inicialmente a descoberta dessas regularidades foi um problema que eles tiveram de resolver (a seu modo), pois trabalharam em espaços de oralidade que apontavam para uma grande variedade linguístico-dialetal dos vernáculos que, sem intervenções tecnológicas, teve um forte peso. A gramatização reduziu tal variação em nome da homogeneidade e do bom uso.

Em relação aos dicionários, essa mesma situação se comprova, pois eles tornam possível a normatização ortográfica dos idiomas. Esses instrumentos modificaram profundamente “ecologia da comunicação e as práticas linguísticas humanas” (AUROUX, 1992, p. 70). Os dicionários inicialmente não faziam parte da tradição linguística, eles são posteriores à imprensa e à gramatização, apesar de a lexicologia ser mais antiga que a gramática. O que, segundo o autor, oblitera o aparecimento dos dicionários é a confusão entre enciclopédia e dicionário que torna difícil a distinção entre gramática e dicionário (AUROUX, 1992, p. 71-2).

O autor afirma que o processo de gramatização que lhe interessa corresponde a uma transferência de tecnologia de uma língua para outras línguas e que isso também depende da transferência sociocultural. Ele se refere, mais pontualmente, ao que chama de:

Endotransferência / endogramatização (a gramatização latina dos vernáculos europeus).

Exotransferência / exogramatização (os missionários que gramatizaram línguas sem escrita).

Processo contrastivo de gramatização (que dota as diferentes línguas da posição de observatório umas diante das outras).

(AUROUX, 1992, p. 84).

Enfim, Auroux afirma que a gramática geral teve por finalidade ocupar o lugar que foi da gramática latina perante as línguas do mundo. É desse contexto que surge a gramática moderna. O seu projeto científico no programa de pesquisa procurou, por um lado, afirmar as categorias linguísticas que poderiam ser reduzidas a categorias de representação, e, por outro lado, criar uma relação das categorias gerais com as particularidades das línguas que guardam uma subjunção ao universal (AUROUX, 1992, p. 89). Duas consequências desse desenvolvimento científico são a etimologia e a rede de conhecimentos linguísticos. O autor conclui que não seria “de forma alguma evidente que o saber metalinguístico se tornasse um produto de um puro interesse do conhecimento: é preciso ver nesta transformação fundamental um dos frutos tardios da gramatização” (AUROUX, 1992, p. 93).

É pertinente avaliar que uma obra dessa natureza é de fundamental importância para o conhecimento e o acompanhamento dos processos históricos e das revoluções que delinearão as áreas de estudo das disciplinas referentes à linguagem e que moldaram a noção de cientificidade, oferecendo, até mesmo, questionamentos no reconhecimento e na “aferição” desse valor. Mais relevante ainda, ter a clareza de analisar até que ponto garantir o peso da cientificidade para essas disciplinas foi válido ou prejudicial no contexto mundial.

Outra observação a ser pontuada seria o fato de que no decorrer de suas considerações sobre a revolução da gramatização, o autor leva magistralmente em conta aspectos como as inter-relações humanas e sociais entre as línguas do mundo, as variedades linguístico-dialetais que se mostram fortemente no espaço de oralidade entre as várias línguas, as transferências linguístico-culturais e até a presença dos sujeitos que efetuam essa transferência. (AUROUX, 1992, p. 74). Embora ele não tenha se preocupado em dedicar tanta atenção à noção de sujeito em sua relação inequívoca com a língua e com

a história, já que esta noção atua propriamente em todas essas relações e já que é parte constitutiva desse processo de gramatização, estando presente em cada etapa dele.

Referência

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1992.